



EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Margarida  
Oliveira

# Taiga

GALERIA ortopóvoa



A procura da ideia, da imagem ou pensamento original, é, acima de tudo, uma atitude de nobreza. Somos, quando a tal dedicados, de um platonismo ferrenho, buscando em essência a verdadeira natureza do objecto. E assim, como explicava Platão, é necessário (ao caçador de ideias puras); esgravatar, despir, desenfear, limpar - em suma: desprocessar- até que a ideia se nos apareça âmagos. Em termos de expressividade artística, o arquétipo a procurar, reporta às primeiras manifestações ilustrativas, que serviam propósitos tão fundamentais quanto a comunicação entre indivíduos. A representação bi-dimensional fundia-se com o raciocínio, com a língua e com o intento.

A Margarida encontrou, através dos registos rupestres, as imagens-âmagos. E as imagens-âmagos são feitas de cores vitais; são feitas de sangue, terra, frutos e matéria fecal. São alertas, indicativas, atractivas de engodo, ou inibidoras provocando aversão. Contam histórias de sobrevivência, de pedagogia, de pavor e de fecundação.

A Margarida resolveu, então, fazer um possível registo puro, perdido em idade, aberto na possibilidade de ser muitas mais possibilidades, numa multiplicidade de sobreposições orgânicas e causais; Porquanto, depois de encontrarmos a imagem-âmagos, nada nos faz ficar estanques: a progressão é livre, é procedente e contingente.

O que a Margarida foi beber a Platão, foi a consciência de que, muitas vezes, temos de desobstruir aquilo que vemos, através de um exercício de dialética, em busca dos primeiros contornos; daqueles traços que nos são viscerais. A partir daí, a visão torna-se ampla (dentro das limitações inerentes) e temos um pouco mais (um pouco, pouquinho mais) de consciência do Infinito e da Possibilidade. Parabéns, Margarida, que sejas uma argonauta de imagens-âmagos, com milhões de possibilidades a testemunhar.

Elisa Pinhão Ferreira



## ***A mão nos muros, Da marca para o símbolo***

As primeiras marcas realizadas por humanos, que se conhecem, são mãos em negativo deixadas na superfície argilosa de grutas. Sobre estes primeiros registos, pouco se poderá afirmar sobre a sua intencionalidade, já que poderão ter ocorrido por acidente, ou simplesmente num gesto ingénuo e quase infantil, existindo apenas como marca, sem conceito.

Todavia, poder-se-ia inferir que pode haver neste registo algum tipo de intencionalidade, como afirmação pessoal, cultural ou espiritual (pelo menos do ponto de vista de alguns psicanalistas ou de antropólogos). Desta forma, a marca assume um carácter de significante e converte-se em algo completamente distinto, um símbolo. A primeira existe unicamente na sua forma, mas o símbolo é mutante, revestindo-se de conceitos e funções que em muito ultrapassam a sua aparência.

Neste sentido, a exposição de Margarida Oliveira, que inunda o espaço da exposição com diversos registos, poderá ser vista pelos prismas da marca e do símbolo. Se numa primeira leitura poder-se-á evocar uma construção estética reconhecível entre o etnográfico e o graffiti, através de uma capacidade de conciliar universos distintos, quase contraditórios. Contudo, será no espectro do símbolo que esta exposição encontra o seu verdadeiro sentido, revestindo-se de uma complexa narrativa que se vai construindo como uma viagem de luta e conflito, onde conceitos como género, mulher, violência, intervenção, ação, são convocados. Manifesta-se, desta forma, a força interventora da Margarida que, com o impulso de um activista político e social, numa luta pela afirmação de princípios éticos e humanistas, vai realizando as suas revoluções.

Por estas razões, a obra de Margarida deverá ser encarada pelo significante que cada registo acarreta, contaminando o espaço como uma ação que se materializa, como uma força que se converte em objeto. São símbolos densos de um espírito inconformado, que utiliza a pintura como forma de luta, como forma de afirmação, como forma de intervenção. São símbolos que projectam as intenções e afirmações da autora, como um registo deixado num muro, numa tela ou numa gruta.

Assim, Taiga, esse lugar quase inóspito, um território de difícil sobrevivência, mas onde se afirmam os espíritos mais inquietados, numa proximidade com os elementos quer da natureza quer humanos, é a melhor metáfora para inscrever o universo autoral e pessoal da Margarida.

Trata-se de um espaço onde se mostram a resiliência e a fragilidade humanas, mas sobretudo onde se afirmam as formas de um espírito lutador.

Retoma-se então o primeiro signo da mão gravada na argila e propõe-se um pensamento transformado a partir do significado do símbolo... A mão é a força da afirmação, da presença, da intervenção e, apesar da sua aparente simplicidade, ocupa-nos a mente como síntese do humano.

Por isso, assistimos, com Taiga de Margarida Oliveira, ao extenso território onde se regista a mão da artista, da mão que é símbolo, da mão que é pensamento: - da mão que não se apaga!

Domingos Loureiro  
Professor Auxiliar na FBAUP  
Membro Integrado i2ADS















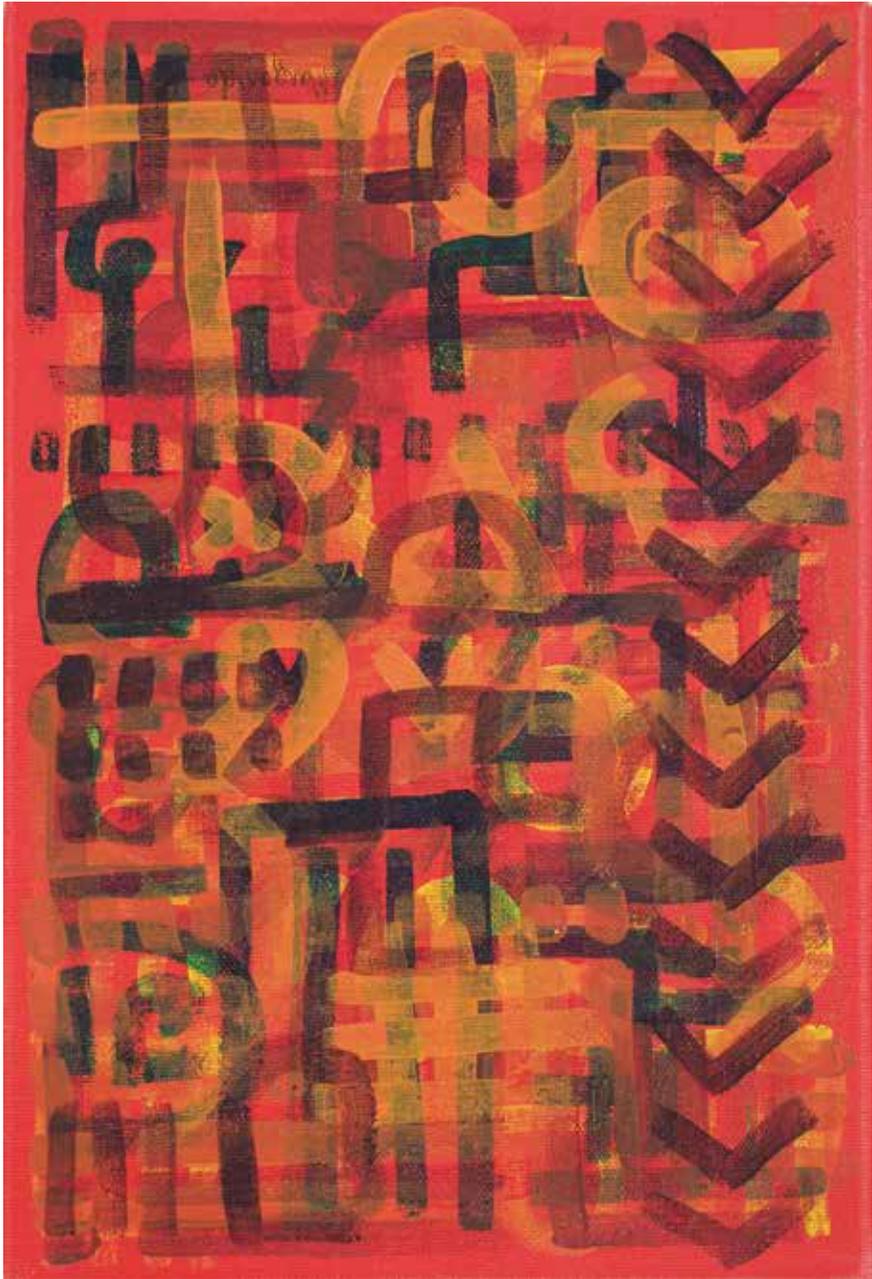
















Comecei a desenvolver este corpo de trabalho quando era finalista nas Belas Artes no Porto, tinha acabado de voltar do meu ano de Erasmus em Milão e, talvez influenciada pela visão italiana romântica da arte, estava à procura de uma linguagem “pura” que pudesse aplicar à minha pintura. Eu queria expor pinturas verdadeiras, obras que fossem uma extensão de mim. Com esta perspectiva da pintura virei-me como tantos outros antes de mim para as pinturas rupestres – não há pensamento mais puro de influências do que o primeiro pensamento alguma vez tido. Comecei então a desenvolver uma linguagem própria constituída por símbolos que me permitissem “escrever” através da pintura, influenciada também pelas obras de Haring e Basquiat e a sua rapidez e eficácia de execução. A ideia de sobreposição agradava-me, estava para mim associada a uma crença na inexistência do pensamento linear, assim como a utilização de cores fortes me parecia reforçar essa ideia da tendência natural de todos os sistemas para o caos.

Nenhuma obra tem data porque eu não considero nenhuma das obras terminada, foram todas iniciadas no ano de 2016 mas a sobreposição de ideias e símbolos pode continuar, ou pelo menos não faz sentido que seja fechada. Todas estas pinturas têm confissões ou reflexões minhas, estou a expô-las sem me expor a mim mas usufruindo ainda assim do sentimento de alívio de quem partilhou o que pensou.

Margarida Teixeira Silva Oliveira



## **Margarida Teixeira Silva Oliveira | 1995**

2010 - 2013 Escola Secundária Artística Soares dos Reis

2013 - 2017 Licenciatura em Artes Plásticas - Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

2015 - 2016 Erasmus na Accademia di Belle Arti di Brera, Milão

2016 - Exposição Colectiva da Accademia di Belle Arti di Brera, Milão

2016 - "Por outro lado a sombra dita a luz" Exposição de Fotografia, Instalação Vídeo e Performance, Manuel Correia, Braga Portugal

06.2017 - "Anamnese 2017" Exposição de Finalistas de Pintura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

12.2017 - "Dia.na Feira" Exposição Colectiva, Póvoa de Varzim, Portugal

02.2018 - "Salão de Inúteis" Exposição Colectiva, Póvoa de Varzim, Portugal

2018 - Mestrado em Critica, Curadoria e Teorias da Arte pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

2018 - Fundadora e Editora da revista de arte Dose

2018 - "Taiga" Exposição de pintura - Galeria Ortopóvoa, Póvoa de Varzim, Portugal

PATROCÍNIO



Rua Visconde de Azevedo, 11  
4490-589 **Póvoa de Varzim · Portugal**

Tel.: 252 299 240  
Tm.: 926 211 076  
Fax: 252 627 070

email: [ortopovoa@ortopovoa.pt](mailto:ortopovoa@ortopovoa.pt)  
[www.ortopovoa.pt](http://www.ortopovoa.pt)

[www.facebook.com/ortopovoa](https://www.facebook.com/ortopovoa)  
GPS: N 41° 22' 49" | W 08° 45' 29"